

ETNOBOTÂNICA DE PLANTAS ALIMENTÍCIAS NÃO CONVENCIONAIS (PANC) EM SEIS MUNICÍPIOS DO MACIÇO DE BATURITÉ, CEARÁ, BRASIL

Andreza de Melo Mendonça¹, Francisco Barroso da Silva Junior², Matheus Bessa da Silva³, Ingrid Kethyane Beserra Holanda⁴, Jullyana Cristina Magalhães Silva Moura Sobczak⁵

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo realizar um levantamento etnobotânico das plantas úteis na alimentação humana e animal em seis municípios do Maciço de Baturité, interior do estado do Ceará, Brasil, de modo investigar o conhecimento que os moradores dessa região têm acerca das plantas alimentícias não convencionais (PANC). Foram realizadas entrevistas semiestruturadas no período de setembro de 2016 a agosto de 2017, nas quais para cada indivíduo foi preenchida uma ficha com dados socioeconômicos. Os informantes foram indagados a respeito de quais plantas conheciam que possuem uso alimentício para os humanos e animais, sendo elas nativas ou exóticas, espontâneas ou cultivadas, PANC ou convencionais, sobre os aspectos botânicos, descrição da utilidade, parte da planta utilizada, bem como informações acerca do plantio das mesmas, e da disponibilidade da planta na propriedade do entrevistado no momento da entrevista. Foram realizadas 7 entrevistas em Acarape, 7 em Aratuba, 5 em Guaramiranga, 6 em Mulungu, 7 em Pacoti, e 8 em Redenção totalizando 40 entrevistas. Ao todo, nessas seis cidades do Maciço foram citadas 245 etnoespécies com potencial alimentício, sendo que 98 são (PANC). As PANC, podem significar uma revolução na forma de se alimentar da população. O estudo de tais plantas representa o resgate, registro e valorização do conhecimento tradicional, bem como de tais alimentos, contribuindo assim para a conservação da diversidade cultural e biológica da região estudada, e para a melhoria da qualidade de vida das populações.

Palavras-chave: alimentação. etnobotânica. Maciço de Baturité. PANC. diversidade.

INTRODUÇÃO

A produção de alimentos é intrínseca ao homem desde o período Neolítico, quando deixa de ser um nômade e passa a se fixar em um dado local graças às técnicas agrícolas que desenvolveu e aos alimentos descobertos. Entretanto, espécies vegetais alimentícias vem sendo consumidas de forma cada vez mais restrita. De acordo com Kinupp & Lorenzi (2014) atualmente, 90% da nossa dieta se baseia em apenas 20 espécies vegetais que incluem, dentre

¹Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Desenvolvimento Rural, e-mail: andreza_melo29@yahoo.com.br

²Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Desenvolvimento Rural, e-mail: juniorbarroso_99@hotmail.com

³Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Ciências Exatas e da Natureza, e-mail: matheusbessa08@gmail.com

⁴ Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Desenvolvimento Rural, e-mail: ingridholanda10@gmail.com

⁵Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Ciências Exatas e da Natureza, e-mail: sobczak@unilab.edu.br

outros, o milho, feijão, trigo e arroz. No entanto, existem milhares de plantas com potencial alimentício, que são negligenciadas por grande parcela da população, tendo em vista que nossa alimentação ainda sofre forte influência do imperialismo cultural e econômico. Tais plantas, as chamadas plantas alimentícias não convencionais (PANC), podem ser frutos, folhas, flores, rizomas, sementes e outras estruturas ou partes das plantas que podem ser consumidas, sendo ricas nutricionalmente, e podendo ser espontâneas ou cultivadas, nativas ou exóticas (Kinupp & Lorenzi, 2014). Rapoport & Drausal (2001) estimam a existência de cerca de 27.000 espécies alimentícias. Wilson (1994) propõe que, aproximadamente, 30.000 espécies de plantas possuam partes comestíveis. Kelen *et. al.* (2015) estimam que no Brasil, pelo menos 10% da flora nativa sejam alimentícias. Nessa conjuntura, a região do Maciço de Baturité, interior do estado do Ceará, Brasil, é detentora de uma rica biodiversidade vegetal, por abranger os Biomas Caatinga e Mata Atlântica, além de zonas de transição, podendo, assim, apresentar espécies com grande potencial de utilização na alimentação humana e animal. Muitas das comunidades encontradas na região mantêm conhecimentos sobre o uso e manejo de plantas alimentícias, incluindo as PANC. Assim, o presente trabalho tem como objetivo realizar um levantamento etnobotânico na região do Maciço de Baturité, nos municípios de Acarape, Aratuba Guaramiranga, Mulungu, Pacoti e Redenção, de modo a investigar o conhecimento que os moradores dessa região tem acerca de plantas úteis na alimentação humana e animal, incluindo o conhecimento sobre PANC.

METODOLOGIA

Para o presente estudo, foram realizadas entrevistas etnobotânicas semiestruturadas, com aplicação de formulários próprios com perguntas, na sua maioria abertas, em seis municípios do maciço de Baturité no estado do Ceará, Brasil, sendo eles, Acarape, Aratuba, Guaramiranga, Mulungu, Pacoti e Redenção, ocorridas entre setembro de 2016 a agosto de 2017. A escolha dos indivíduos a serem entrevistados foi realizada por meio da técnica de amostragem e seleção de informantes chamada “bola de neve” (“*snow ball*”) (BAILEY, 1994). Para cada indivíduo entrevistado foi preenchida uma ficha com dados socioeconômicos. Os informantes foram indagados a respeito de quais plantas os mesmos conhecem que possuem uso alimentício para os humanos e animais, sendo elas nativas ou exóticas, espontâneas ou cultivadas, PANC ou convencionais, sobre os aspectos botânicos,

descrição da utilidade, parte da planta utilizada, bem como informações acerca do plantio das mesmas, e da disponibilidade da planta na propriedade do entrevistado no momento da entrevista. Concomitantemente às entrevistas, foram realizadas turnês guiadas, utilizadas para a identificação vernacular do material botânico, através de caminhadas com os informantes para coletas das plantas (ALBUQUERQUE *et al.*, 2010). O material coletado foi identificado e processado conforme as normas convencionais de herborização (FIDALGO & BONONI, 1989) e depositado no acervo do Herbário Prisco Bezerra (EAC) da Universidade Federal do Ceará – UFC sendo produzidas e doadas exsicatas para o herbário da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizadas 7 entrevistas em Acarape, 7 em Aratuba, 5 em Guaramiranga, 6 em Mulungu, 7 em Pacoti, e 8 em Redenção totalizando 40 entrevistas. O número de plantas alimentícias citadas em cada município encontra-se na tabela abaixo.

Tabela 1. Plantas alimentícias citadas nas seis cidades e estudo no maciço de Baturité.

Município	Número de alimentícias citadas	Número de PANC citadas
Acarape	68	16
Aratuba	96	32
Guaramiranga	82	29
Mulungu	92	42
Pacoti	110	56
Redenção	104	34

Ao todo, nessas seis cidades do Maciço foram citadas 245 etnoespécies com potencial alimentício para seres humanos e animais, sendo que 98 são plantas alimentícias não convencionais (PANC). No que se refere ao perfil dos entrevistados, a faixa etária dos informantes variou entre 27 e 91 anos, sendo a maioria (55%) composta por idosos acima de 60 anos, considerados assim pela Organização Mundial de Saúde – OMS. Além disso, observou-se que dos entrevistados, 14 pessoas eram do sexo feminino e 26 eram do sexo masculino, o que representa 35% e 65% respectivamente. Quanto ao grau de escolaridade dos participantes 27,5% das pessoas entrevistados são analfabetos, igual percentual ocorreu para pessoas que cursaram o ensino fundamental, mas não concluíram, 7,5% possuem o ensino

fundamental completo, 17,5% concluíram o ensino médio e 20% possuem ensino superior, o que corresponde a 8 dos entrevistados. A profissão dos entrevistados que compuseram o estudo variou bastante, no entanto a maioria tem como ocupação a agricultura, praticada por 60% dos informantes, mesmo por alguns já aposentados, que também complementam a renda com programas do governo federal como o bolsa família, 15% dos sujeitos participantes são professores, 5% são artesãos e os 20% restantes exercem outras profissões. Isso reflete na variação da renda relatada pelos indivíduos, que variou de R\$ 500 a R\$ 6.000, sendo que 40 % dos entrevistados relataram renda entre um a dois salários mínimos. Os vegetais mencionados como alimentícios apresentam diferentes origens, podendo ser nativos ou cultivados. Por meio de análise das fichas de entrevistas etnobotânicas pode-se inferir que 56,7% são nativas e 43,3% são cultivadas. Foi observado que 144 plantas citadas são utilizadas somente para alimentação humana, 67 plantas somente para alimentação animal, e 34 plantas são utilizadas tanto para o homem quanto animais. As PANC com maior número de menções foram banana (*Musa L.*), jaca (*Artocarpus heterophyllus Lam.*), mamão (*Carica papaya L.*), seriguela (*Spondias purpúrea L.*), cajá (*Spondias mombin L.*), ingá (*Inga edulis Mart.*), inhame, ameixa, azeitona-roxa (*Syzygium cumini (L.) Skeels*), e bacupari (*Garcinia gardneriana (Planch. & Triana) Zappi*). No que se refere às partes vegetais utilizadas para consumo alimentício humano, foram citados frutos, folhas, brotos, sementes, raízes tuberosas, flores, caule, tubérculos, rizomas, bulbos, casca do fruto, vagem, endosperma líquido, gomo terminal de caule, envoltório da semente, pseudofruto e colmo. Em relação à alimentação animal, além de algumas partes já mencionadas também foram citados o cladódio e a planta inteira. Essas partes vegetais são preparadas e consumidas das mais diversas formas, como *in natura*, na forma de sucos, doces, vitaminas, mousse, sorvetes, tortas, purês, bolos, chá, saladas, geleia, refogado, compota, farinhas, licor, cerveja, mel, molhos e óleos.

CONCLUSÕES

Tendo em vista que nos dias atuais há uma crescente busca por produtos saudáveis e produzidos de forma sustentável, um novo olhar sobre as espécies vegetais alimentícias também precisa ser construído uma vez que podem ser encontradas plantas alimentícias nas calçadas, em terrenos baldios e praças. As PANC, podem significar uma revolução na forma de se alimentar da população. O estudo de tais plantas representa o resgate e valorização de tais

alimentos, tendo o potencial de contribuir para a melhoria da qualidade de vida das populações e para avanços das pesquisas científicas na área da alimentação humana, bem como para o alcance da segurança e soberania alimentar e nutricional, e ser uma alternativa e até mesmo uma prioridade sustentável e agroecológica para o consumo familiar nas comunidades em estudo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à PROPPG e ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da UNILAB pela concessão da bolsa, aos voluntários do grupo de Pesquisa em Biologia Vegetal e à Profa. Dra. Jullyana Sobczak pela orientação.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. & ALENCAR, N. L. 2010. **Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos**. Pp. 41-64. In: Albuquerque, U. P.; Lucena, R. F. P. & Cunha, L. V. F. C. (Orgs.). Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. NUPEEA, Recife.
- BAILEY, K. 1994. **Methods of social research**. 4ª ed. The Free Press, New York. 588p.
- FIDALGO, O. ; Bononi, V. L. R. 1989. **Técnicas de coleta, preservação e herborização de material botânico**, Instituto de Botânica. São Paulo.
- KELEN, M. E. B.; NOUHUYS, I. S. V.; KEHL, L. C.; BRACK, P.; SILVA, D. B. **Plantas alimentícias não convencionais (PANCs): hortaliças espontâneas e nativas**. 1ª ed. Porto Alegre: UFRGS, 2015. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/viveiroscomunitarios/wp-content/uploads/2015/11/Cartilha-15.11-online.pdf>> Acesso em: 11 de set.2017.
- KINUPP, V. F.; LORENZI, H. **Plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas**. São Paulo: Instituto Plantarum de Pesquisas da Flora, 2014.
- RAPOPORT, E. H.; DRAUSAL, B. S. Edible Plants. In: S. LEVIN (Ed.). **Encyclopedia of biodiversity**. New York: Academic Press, 2001, p. 375-382.
- WILSON, E. O. **Diversidade da Vida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 447.